



Novos diálogos mostram Moro discutindo competência! Ele sabia!

Fontes fidedignas apresentam novos diálogos sobre a "questão da incompetência" do ex-juiz Sérgio Moro. Um novo vazamento mostra diálogos em que Moro fala sobre isso com Deltan e outro procurador. Vejamos:



Lenio Luiz Streck
jurista e professor

"(...)

23h15min13. Moro: — Delta, estou triste. Os 'juristas' Reinaldo Azevedo, Lenio Streck, Pedro Serrano e a defesa de Lula estão dizendo, aos quatro ventos, que sou um juiz incompetente. Andam dizendo, em palestras por aí, que se der uma briga em um Posto Petrobrás isso atrai minha competência. Não entendi. O que eles querem dizer com isso? São uns ... (parte apagada).

23h15min18: Deltan: — Que nada, mestre. Não perca energias com isso. São uns invejosos. Não sabem nada. Nunca escreveram nada. Não conhecem processo e nem constituição. Principalmente os "juristas" Reinaldo e Streck.

23h17min01: Outro procurador entra: — Poxa, Dr. Moro. Chamar o senhor de incompetente é mesmo uma sacanagem. O senhor é muito competente. O que essa gente pensa que é para chamar um juiz como o senhor de incompetente?

23h18min00: Deltan: — Tem mais. Vou criar um restegi assim: #moro.com(PeTente)...kkkk. Sentiu a sutileza, mestre? Mostra que você é competente e ainda tira uma onda com o PT. kkkk

23h19min17: Moro: — Gostei. Essa gente é burra. Será que eles vão entender essa sua restegi? Kkkk Mas, estou muito irritado. Ora, chamando a mim de incompetente. É uma ofensa para um magistrado.

23h19min35: Deltan: — Com certeza. No mínimo devem estar criticando também as suas roupas, mestre. Invejosos de sua elegância com esse terno preto, camisa preta e gravata bem vermelha. Lindo esse seu composê.

23h20min15: Moro: — É, é. Tenho vários desses ternos. Kkkk. Aposto que eles não têm.

23h21min18: Deltan: — Mestre, você deve continuar usando essa roupa; sobretudo nas audiências.

23h22min55: Moro: — Mas, Delta, não vai ficar muito quente fazer audiência de sobretudo?

(...)" [\[1\]](#).

Pronto. Assim está explicado como um juiz e procuradores mantiveram vários processos por mais de três anos quando não tinham competência para isso. Um juiz incompetente impediu um candidato a disputar a eleição, prendeu-o por mais de 500 dias, processou-o e o condenou.



Os diálogos acima podem ajudar a explicar o fenômeno.

Esta é uma obra estritamente de ficção. Ninguém foi ferido. Tudo feito em laboratório. Houve acompanhamento de um psicólogo e de um autor de livros simplificados. Foi difícil entender a anedota "textualista". Por isso, foram convocados autores de livros sem as partes difíceis e chatas para ajudar. Houve bateção de cabeça. Por que "sobretudo"? "Sobretudo"? Além disso, o material é todo produto de produção auto-sustentável. E qualquer semelhança com personagens verdadeiros é apenas semelhança.

Certo. Feita a brincadeira, falemos sério novamente — se ainda se pode falar sério num país em que o deboche vira regra e é aplaudido. É claro que estou brincando. É claro que estou fazendo pilhéria. É claro que estou senso sarcástico. Mas pergunto: *como não fazer graça quando a avacalhão institucional é desse tamanho?* Leitor, leitora: a piada não começou comigo.

É duro dizer isso. Mas só o humor nos salva. Porque encarar a verdade e levá-la a sério é estarrecedor, angustiante. Como é possível isso? Como é possível que a mais óbvia das incompetências territoriais (incompetência "chapada") — ironizada no voto do ministro Gilmar como decorrente de "gasolina Petrobras" e por mim, já de há muito, com a alegoria da "briga no Posto Petrobras que arrasta a competência para Curitiba" — tenha ficado obnubilada por tanto tempo?

Como é possível que ainda se duvide que o ex-juiz Moro e a força-tarefa tenham atuado de modo parcial e com suspeição nos processos agora sob julgamento no STF? Todos sabemos que sabemos, como na antítese da angústia do personagem-juiz de "A Espera dos Bárbaros".

A mais chapada das incompetências territoriais ficou velada tanto tempo. Ora, eu mesmo chamei a isso de "pan-competência" no início da operação. Só resta fazer, "sobretudo", ironias. Lendo e sabendo tudo o que se sabe, parece bizarro Moro falar em *rule of law*.

A palavra que escapou da ministra Carmen Lúcia durante o voto do ministro Gilmar no dia 9 de março último, no momento em que relatava as escutas clandestinas feitas a escritório de advocacia da defesa, foi lancinante:

"Gravíssimo".

Perfeito, ministra Cármen. Quando ouvia a sua voz dizendo "gravíssimo" lembrei da senhora brandindo aquela pequena Constituição, nos idos de 90, nos tantos Congressos de que participamos, comandados por James Tubenchlak. A então advogada e professora doutora Carmen Lúcia levantava multidões. Com aquela pequena Constituição na ponta dos dedos.



E na primeira fila estávamos Ovidio Baptista, Cezar Bitencourt, os saudosos Calmon de Passos e Sylvio Capanema, Jacinto Coutinho, Amilton Bueno de Carvalho, Luiz Fux, Nagib e este escriba, todos integrantes quase que efetivos do Instituto de Direito. Mas havia mais gente defendendo a então novel Constituição, como Gilmar Mendes, Luis Roberto Barroso e tantos mais, pedindo escusas pelo esquecimento.

Tenho imensas saudades dos congressos do Hotel Glória. 1,5 mil pessoas, mais o telão. E James nos "intitando" para ver quem seria mais aplaudido. Por vezes era Amilton, Calmon quase sempre, por vezes eu e muitas vezes Carmen Lúcia. Com sua pequena Constituição.

Lembrei, com forte emoção, de tudo isso, daqueles tempos, bem na hora em que ouvi a palavra "gravíssimo"!

[1] Nota: Escrita dos mantidos conforme o original.

Autores: Redação ConJur